



AFLUENTE: REVISTA DE
LETRAS E LINGUÍSTICA

ISSN 2525-3441

Marcos Alexandre F. Rodrigues

Universidade Federal do Rio Grande
orcid.org/0000-0001-9695-229X
rodmaf2@gmail.com

Kelli Machado da Rosa

Universidade Federal do Rio Grande
orcid.org/0000-0002-6664-4912
kfrio.rib@gmail.com

Análise do discurso do ex-secretário especial da cultura: vozes (neo) nazistas e (m) diálogo tropicalizado

RESUMO: Este artigo tem como objeto de investigação o pronunciamento de Roberto Alvim, naquele tempo Secretário Especial da Cultura, realizado em 2020. Naquela oportunidade, Alvim não apenas tratou do edital do Prêmio Nacional das Artes, uma vez que abordou os novos rumos da cultura brasileira a partir da gestão do Governo Federal. Pensando nas relações dialógicas, esta pesquisa objetiva: 1) analisar os sentidos refletidos e refratados pelos signos ideológicos escolhidos pelo locutor em articulação com pontos de vista manifestos nesse discurso; e, no prosseguir, 2) compreender os procedimentos enunciativo-discursivos do processo de bivocalização que enceta um diálogo (neo)nazista tropicalizado. Para essa empreitada, a presente pesquisa se respalda nos postulados teórico-analíticos fomentados pelo Círculo bakhtiniano em interlocução com estudos historiográficos a respeito de políticas chanceladas pelo Estado Nacional-Socialista na Alemanha. Nesse contexto, os resultados deste artigo permitem concluir atitudinalmente que Alvim, legitimado e autorizado pelo horizonte socioaxiológico bolsonarista, instaura, bivocalmente, um diálogo (neo)nazista tropicalizado com a voz de Joseph Goebbels, uma liderança política do Estado Nacional-Socialista. Ao integrar a sintaxe e recursos léxico-semânticos do discurso de Goebbels, ele mobiliza signos de ultranacionalismo, de salvação e de autoritarismo que se combinam com pontos de vista de uma renovação civilizacional e estética. Para velar isso, Alvim não só disfarça, pela sintaxe, determinadas unidades lexicais, como também não usa travessões tampouco aspas para diferir os dois discursos, as duas vozes. Tão logo, esta pesquisa argumenta que se está diante de um pronunciamento com um projeto similar ao do nazismo à época de Adolf Hitler.

Palavras-chave: Diálogo (neo)nazista tropical; Vozes de (neo)nazismo; Bivocalização; Roberto Alvim; Joseph Goebbels.



PALAVRAS INICIAIS

Neste artigo, nosso objeto de investigação é o pronunciamento de Roberto Alvim, naquele tempo Secretário Especial da Cultura, realizado em 2020. Naquela oportunidade, Alvim não apenas tratou do edital do Prêmio Nacional das Artes, uma vez que abordou os novos rumos da cultura brasileira a partir da gestão do Governo Federal. No cenário brasileiro, vale lembrar que esse pronunciamento de Alvim foi legitimado e foi autorizado pelo horizonte de valores do bolsonarismo, o qual, bem como se pode anotar, centra-se na figura autoritária do “mito” e estabelece com isso diálogos com vozes ultraconservadoras, fundamentalistas, militares, neoliberais e ultranacionalistas.

Pois bem. Verificamos que o Ex-secretário, ao som de Wagner, instaura um diálogo (neo)nazista tropicalizado com a voz de Goebbels, um dos líderes do Partido Nacional-Socialista dos Trabalhadores Alemães (NSDAP – isto é, Partido Nazista), no processo de bivocalização discursiva. Na integração da sintaxe e de recursos léxico-semânticos do discurso de Goebbels, Alvim mobiliza signos de ultranacionalismo, de salvação e de autoritarismo que se combinam com pontos de vista de uma renovação civilizacional e estética, o que se insere num projeto cultural similar ao do nazismo à época de Hitler. Para velar esse diálogo com o nazismo, disfarça, pela sintaxe, recursos léxico-semânticos do discurso do Ministro do Esclarecimento e da Propaganda do *Führer*, Goebbels.

Em vista desse diálogo velado, não usa aspas tampouco travessões para diferir as vozes dos respectivos discursos. Após a repercussão pública, Alvim, numa entrevista ao veículo jornalístico Estadão, afirmou que, ao tentar justificar o que não poderia ser justificado, “[...] as ideias contidas nas frases são absolutamente perfeitas [...]” e, assim, “[...] assino embaixo [...]”, havendo, por acaso, uma “coincidência retórica” ao seu compreender (ALVIM, 2020). No dia 17 de janeiro, foi publicado, no Diário Oficial da União, a sua exoneração do cargo de Secretário Especial da Cultura.

Pensando nas relações dialógicas evocadas nesse pronunciamento do Ex-secretário, partimos de dois objetivos: 1) analisar os sentidos refletidos e refratados pelos signos ideológicos



escolhidos pelo locutor em articulação com pontos de vista manifestos nesse discurso; e, no prosseguir, 2) compreender os procedimentos enunciativo-discursivos do processo de bivocalização que enceta um diálogo (neo)nazista tropicalizado. Seguindo esses objetivos, nós, como sujeitos ativamente responsivos, justificamos esse artigo pelo fato de o nosso objeto de estudo, numa perspectiva ideológica, suscitar sentidos que naturalizam comportamentos antidemocráticos em diferentes instâncias nacionais.

Para essa empreitada, respaldamo-nos em um referencial bibliográfico e interpretativo que põe em interlocução os estudos da língua(gem) do Círculo bakhtiniano com estudos historiográficos sobre o nazismo. Nesse âmbito, trabalhamos com os conceitos de signo ideológico, relações dialógicas, vozes sociais, bivocalização discursiva e diálogo (neo)nazi tropicalizadoⁱ, visto que, ao desse jeito agirmos, poderemos aclarar nosso objeto de investigação científica de maneira crítica e reflexiva. Nesse contexto teórico-metodológico, registramos que usamos, como suporte, o pronunciamento de Alvim publicado no canal Poder360 do *Youtube*ⁱⁱ.

A fim de bem instruir o público-leitor, é profícuo tratarmos da estrutura composicional deste artigo. A primeira seção se chama “A noção de signo ideológico e o horizonte de valores bolsonarista: possíveis aproximações” em que delinearemos potenciais similitudes entre o bolsonarismo e a noção de signo ideológico. A segunda se denomina “Vozes sociais e(m) diálogo no discurso (neo)nazista” na qual verificaremos, teoricamente, como as noções de vozes sociais e de discurso bivocal se articulam no discurso. A terceira se intitula “Vozes (neo)nazistas e(m) diálogo tropicalizado” em que (d)escreveremos a metodologia de seleção do objeto científico e, subsequentemente, perscrutá-lo-emos com respaldo do referencial bibliográfico e interpretativo acima enunciado.

A NOÇÃO DE SIGNO IDEOLÓGICO E O HORIZONTE DE VALORES BOLSONARISTA: POSSÍVEIS APROXIMAÇÕES

Nesta seção, discorreremos sobre possíveis aproximações entre a noção de signo ideológico e o horizonte valorativo bolsonarista com respaldo dos pressupostos teórico-analíticos fomentados pelo Círculo de Bakhtin-Medviédev-



Volóchinov ao analisarmos nosso objeto de investigação. Nesse sentido, o pronunciamento oficial do Ex-secretário, expressivamente marcado pelas vozes de Alvim e Goebbels, materializa e nazifica signos, que, tal como apreciaremos, refletem e refratam semântico-axiologicamente valores do horizonte bolsonarista, naturalizando-se com efeito sentidos antidemocráticos em várias instâncias de nosso país.

Numa visão de conjunto, o Círculo bakhtiniano tem razão no momento em que postula que o sujeito está rodeado por manifestações ideológicas, as quais, bem como recorda Medviédev (2016, p. 48-49), materializam-se “[...] nas palavras, nas ações, na roupa, nas maneiras, nas organizações das pessoas e dos objetos, em uma palavra, em algum material em forma de um signo determinado”, tornando-se com isso parte da realidade material na qual se insere o ser humano. Nesse ponto, Medviédev (2016) ressalta que a criação ideológica e sua respectiva compreensão são só possíveis no processo da comunicação social.

Vejamos. Não é, então, razoável que o sentido ideológico desses elementos socioculturais seja abstraído do material concreto. Nesse entendimento, o que há é uma análise dos aspectos puramente semânticos com a interpretação de significados abstratos (MEDVIÉDEV, 2016). Acentuamos conseqüentemente que, ao assim se perceber os fenômenos ideológicos, enfatizam-se somente os processos individuais psicofisiológicos da compreensão dos valores ideológicos, o que, de bom grado, Volóchinov (2018) explica, metaforicamente, que essas abordagens são inadequadas, porque o sujeito está inscrito num prédio social de signos regido por relações superestruturais e infraestruturais.

As manifestações ideológicas sígnicas não são abstratas tampouco espelhos transparentes da realidade social. Quanto a isso, Volóchinov (2018) ensina que, na verdade, os signos refletem e refratam semântico-axiologicamente a realidade, ser-lhe-á fiel ou então destorcer-lhe-á, condicionando-se a critérios de avaliação ideológica. Nessa linha, o signo ideológico é envolto de relações contextuais, culturais e históricas, isto é, seu sentido não depende somente das consciências do “eu” e do “outro”, e sim do complexo jogo de reflexos e refrações que se estabelecem no processo de interação.



Não se pode esquecer que esses ideogramas, para usar uma das palavras empregadas por Medviédev (2016), são elementos socioculturais que manifestam o horizonte ideológico de vários grupos humanos com suas contradições, conflitos. Nessa perspectiva, o signo é, bivocalmente, tenso, porque revela o encontro de vozes sociais que refletem e refratam (interpretam) os interesses de diferentes classes, movimentos e grupos.

Avaliando essas questões teóricas, é possível delinear aspectos acerca do chamado bolsonarismo, recuperando signos ideológicos que se entrelaçam nesse horizonte valorativo. Para Kalil (2018), antropóloga brasileira, na coordenação de pesquisa etnográfica com eleitores de Jair Bolsonaro, constatou que as manifestações bolsonaristas e conservadoras, expressamente contrapostas à versão terceira do Plano Nacional de Direitos Humanos (PNDH+3), materializavam-se a partir de algumas destas pautas no transcurso da década de 2010: contrariedade à laicidade do Estado; ampliação do porte de armas; contrariedade à diversidade e à orientação sexual; contrariedade à discussão sobre a sexualidade nas instituições de educação. Ainda sobre o tema, o bolsonarismo possui um horizonte seletivo de direito, porque possui como referência a noção de cidadão de bem (KALIL, 2018).

Acrescentamos a isso o fato de o bolsonarismo ser centrado nas variadas significâncias de um “mito” cujas refrações de sentido legitimam e autorizam discursos antidemocráticos como o pronunciamento de Alvim. Com tal natureza, o signo ideológico é um elemento sociocultural não só capaz de refletir e refratar esse ser que mobiliza a linguagem, como também os signos ideológicos refletem e refratam sentidos do contexto da enunciação que envolve o sujeito. Ou seja, unidos no processo discursivo, o ser ou os seres e aspectos não verbais da situação fazem com que o signo ideológico não tenha somente uma significação, mas vários sentidos a cada vez que são enunciados. Desse modo, o signo “mito” passa a circular na política brasileira, figurando como possibilidade de redenção alegórica da velha política. A figura de Jair Bolsonaro foi-se aos poucos se entrelaçando, paradoxalmente, a essa alegoria, tornando possível a ampla difusão da sua narrativa que invadiu diferentes esferas sociais.



Numa mesma língua, ocorrem, por meio de diferentes materializações sógnicas, reflexões e refrações semânticas que revelam um embate de interesses sociais. A pesquisa etnográfica coordenada por Kalil (2018) nos possibilita constatar uma arena de interesses sociais, porque essas materializações sógnico-ideológicos ilustram um coro plurivocal de apoio ao Presidente da República, centrado na figura autoritária do “mito”, que, por sua vez, legitima e autoriza discursos com posicionamentos autoritáriosⁱⁱⁱ, em que se escutam vozes ultradireitistas, neoliberais, ultranacionalistas, fundamentalistas e militares.

Ademais, o discurso é orientado para outros discursos, o que, ao nosso compreender, viabiliza-nos a pensar no diálogo de vozes sociais que se instaura no processo de bivocalização discursiva. Referente a isso, aprofundaremos, na próxima seção, o nível translinguístico, porque sistematizaremos as relações dialógicas nas quais as relações sintáticas e léxico-semânticas são postas no discurso a fim de refletir e refratar diferentes sentidos e, estrategicamente, velar um diálogo (neo)nazista tropicalizado.

129

VOZES SOCIAIS E(M) DIÁLOGO NO DISCURSO (NEO)NAZISTA

Nesta seção, e ainda apoiando-nos nos pressupostos anteriores, nosso desígnio é tratar, teoricamente, da noção de bivocalização discursiva de modo a compreendermos o diálogo de vozes manifesto no pronunciamento do Ex-secretário. Vale recordar, nesse ponto, que o signo, materializado no discurso de Alvim, serve simultaneamente a dois locutores, dois discursos diferentes, refletindo e refratando semântico-axiologicamente vozes que compartilham um projeto similar para a sociedade. Nesse encontro de olhares, realiza-se, reagindo-se da palavra a palavra outra, o tal processo de bivocalização pelo qual se incorpora “[...] outro enunciado em sua composição elabora[ndo] as normas sintáticas, estilísticas e composicionais para a sua assimilação parcial [...]” (VOLÓCHINOV, 2018, p. 250).

Por pertinência, vamos insistir num ponto. Advertimos o leitor menos atento à obra do Círculo bakhtiniano que as relações dialógicas não se tratam necessariamente de uma



interação *vis-à-vis*, quer dizer, cara a cara entre dois sujeitos. Nem mesmo parece razoável nivelá-las à noção de intertextualidade. Tampouco podem ser divididas em conceitos 1, 2 e 3, sedimentando-se indevidamente o seu ato. As relações dialógicas, expressamente presentes na obra conjunta dos pensadores russos, é, eticamente, a relação de sujeitos por meio do discurso.

É-nos importante escrever que o processo de bivocalização discursiva é, justamente, esse processo dialógico de vozes sociais que, consoante Bakhtin (1988, p. 127), “[...] serve simultaneamente a dois locutores e exprime ao mesmo tempo duas intenções diferentes: a intenção direta do personagem que fala e a intenção refrangida do autor”. O discurso bivocal é acompanhado por vozes que estão dialogicamente correlacionadas (BAKHTIN, 1988). Apesar de o filósofo da linguagem citar o discurso literário humorístico, irônico e paródico, podemos refletir, como exemplo congênere, os discursos do cotidiano sem esquecermos de que, a todo instante, estamos apreendendo, transmitindo e orientando o discurso de outrem.

É nesse mesmo sentido que acompanhamos o pensamento de Volóchinov (2018) quando assevera que o discurso citado é o discurso no discurso, a enunciação na enunciação. Dessarte, podemos entender que esse processo descrito por Bakhtin (1998) é um processo discursivo que integra, em sua construção, outros discursos. É bem por isso que Volóchinov (2018) reflete que se elaboram regras sintáticas, estilísticas e composicionais para assimilá-las parcialmente, para associá-las à sua própria unidade sintática, estilística e composicional. Nessa linha, relacionam-se as condições de transmissão do discurso que consideram o seu auditório social e suas finalidades (VOLÓCHINOV, 2018).

De maneira a se analisar a relação dinâmica entre discursos citante e citado, é-nos crucial dedicarmos algumas linhas para conhecermos os estilos linear e pictórico na transmissão discursiva. Quanto ao primeiro, os limites da palavra do outro são conservados, sendo nítidos os contornos exteriores (VOLÓCHINOV, 2018). Quanto ao segundo, e é esse estilo que

nos interessa mais, esses contornos nítidos são apagados, porque a língua “[...] elabora um meio de introdução mais sutil e flexível da resposta e do comentário autoral ao discurso



alheio” (VOLÓCHINOV, 2018, p. 258). Nessa orientação, esse estilo é uma forma de se “[...] penetra[r] no discurso alheio com suas entonações, humor, ironia, amor ou ódio, enlevo ou desprezo” (VOLÓCHINOV, 2018, p. 258).

Além disso, Bakhtin (2002) indica três tendências de orientação do discurso. A primeira, e a mais importante para a análise do objeto de estudo, é o discurso bivocal de orientação única em que há o efeito de fusão de vozes (BAKHTIN, 2002). Com base no que já escrevemos, nesse caso, as fronteiras sintáticas e léxico-semânticas podem ser mais ou menos perceptíveis. A segunda é o discurso bivocal de orientação vária em que há a decomposição em duas vozes (BAKHTIN, 2002). A terceira é o tipo ativo em que são possíveis variadas formas de interação com o discurso do outro e variadas formas de influência deformante (BAKHTIN, 2002).

Relativamente ao nosso objeto de estudo, aplicaremos o conceito de bivocalização discursiva no estabelecimento de uma análise dialógica entre o discurso de um dos líderes do Partido Nazista e o discurso de um dos ex-membros do Governo Federal. Assim, selecionamos o discurso citante do Ex-secretário bolsonarista e o discurso citado do Ex-ministro nazista.

Raciocinando nessas questões teóricas, insistimos que Alvim instaura, em seu discurso, um diálogo (neo)nazi tropicalizado com a voz de Goebbels, um dos líderes do (NSDAP), no processo de bivocalização discursiva. Na integração da sintaxe e de recursos léxico-semânticos do discurso de Goebbels ao seu discurso, elabora relações sintáticas, estilísticas e composicionais para produzir sentidos. Para camuflar esse diálogo com o nazismo, disfarça, pela sintaxe, recursos léxico-semânticos do discurso do Ministro do Esclarecimento e da Propaganda de Hitler. Desse modo, estilo pictórico e discurso bivocal de orientação única possibilitam que Alvim não mencione abertamente o nome do chefe da propaganda nazista muito menos difira as enunciações com travessões ou aspas no diálogo (neo)nazi tropicalizado, misturando as vozes, os valores e as intenções político-discursivas.

VOZES (NEO)NAZISTAS E(M) DIÁLOGO TROPICALIZADO



No pronunciamento de Alvim, ao som de Wagner, integram-se a sintaxe e recursos léxico-semânticos que aludem ao discurso de Goebbels, localizado, para efeitos de curiosidade, no livro *Goebbels: uma biografia*, de Peter Longerich. Após a repercussão nacional, o Ex-secretário da Cultura defendeu que, por acaso, se tratava de uma “coincidência retórica” e que, ao lado disso, numa entrevista ao veículo jornalístico Estadão, “[...] as ideias contidas nas frases são absolutamente perfeitas e eu assino embaixo [...]” (ALVIM, 2020). Ademais, o vídeo que respalda esse estudo foi publicado no canal Poder360 do *Youtube*.

Ao nosso entender, o diálogo (neo)nazista tropicalizado se materializa em diferentes gêneros discursivos – projetos de lei, pronunciamentos, propagandas governamentais, comentários de *Internet* etc. Empregamos a palavra “tropical”, considerando a noção de nazismo para a Alemanha à época de Hitler em comparação com o neonazismo velado no Brasil do século XXI. Para evidenciar esse diálogo, propomos uma breve análise do nazismo alemão a fim de, posteriormente, deslocarmos nosso olhar para exemplos neonazistas da sociedade brasileira.

Antes de escrevermos sobre as lideranças nazistas, enfatizamos que Hitler discursava perante um auditório social numa conjuntura institucional e estruturalmente racista. Aqueles que elogiavam o *Führer* (líder) eram justamente aqueles que estavam fora dos campos de concentração. Não é interessante integrar a sintaxe nazista nos discursos do cotidiano e enunciar: “Hitler era um gênio”; “Hitler era um grande orador”; “Hitler era um estrategista”. A nós, parece que os teóricos (inter)nacionais ignoram que ele não estava sozinho no comando do nazismo tampouco sozinho nas políticas de extermínio de guerra, economia, diplomacia, cultura, educação e, assim, sucessivamente. Obliteram todo aparato de autoritarismo e das milícias nazistas! Aliás, esses predicados do sujeito indicam um diálogo (neo)nazista de colonização em nichos da produção científica brasileira e internacional.

Posto isso, o nazismo se constituiu na Alemanha, conforme Kershaw (2015), destas lideranças políticas: Martin Bormann



(1900-1945) – Chefe da Chancelaria do Partido Nazista e Secretário de Adolf Hitler; Joseph Goebbels (1897-1945) – Ministro de Esclarecimento e Propaganda do *Reich* e Plenipotenciário para a Guerra Total do Reich a partir de 1944; Hermann Göring (1893-1946) – Marechal do Reich; Heinrich Himmler (1900-1945) – *Reichsführer-SS*, Chefe da Polícia Alemã, Comissário do Reich para o Fortalecimento da Nacionalidade Germânica; Adolf Hitler (1889-1945) – *Führer*, Chefe de Estado, Chefe do governo do *Reich*, Chefe do Partido Nazista, Comandante Supremo da *Wehrmacht* e Comandante em Chefe do Exército; Ernst Kaltenbrunner (1903-1946) – *SS-Obergruppenführer* e Chefe da Polícia de Segurança e do Serviço de Segurança; Wilhelm Kritzinger (1890-1947) – Secretário de Estado na Chancelaria do *Reich*; Hans-Heinrich Lammers (1879-1962) – Ministro do *Reich* e Chefe da Chancelaria do *Reich*; Roberto Ley (1890-1945) – Chefe da Organização do Partido Nazista do *Reich* e Chefe da Frente Alemã do Trabalho; Joachim von Ribbentrop (1893-1946) – Ministro do Exterior do *Reich*; Lutz Graf Schwerin von Krosigk (1887-1977) – Ministro das Finanças do *Reich*, Primeiro-Ministro e Ministro do Exterior no governo Dönitz; Arthur Seyß-Inquart (1892-1946) – Comissão do *Reich* para os Territórios Ocupados dos Países Baixos; Albert Speer (1905-1981) – Ministro dos Armamentos e da Produção de Guerra do *Reich*, Ministro da Indústria e da Produção do *Reich* no governo Dönitz; Wilhelm Stuckart (1902-1953) – *SS-Obergruppenführer*, Secretário de Estado no Ministério do Interior do *Reich*, Ministro do Interior do *Reich* no governo Dönitz.

No processo eleitoral alemão em 1932, o Partido Nazista conquistou 230 cadeiras no *Reichstag*, superando o Partido Social-Democrata da Alemanha (SPD) e o Partido Comunista da Alemanha (KPD). Muito embora o (NSDAP) fosse o maior partido no *Reichstag*, no segundo turno das eleições, este foi o resultado: Paul von Hindenburg, 19.359.650 de votos; Adolf Hitler, 13.418.011 de votos; e o candidato comunista Ernst Thälmann, 3.706.655 de votos (SWEETING, 2011). Nesse mesmo ano, o Chanceler do *Reich*, Heinrich Brüning, foi substituído por Franz von Papen, porque, sem apoio, governava por decretos (SWEETING, 2011). Após seis meses num cenário político caótico, Franz von Papen foi substituído pelo general Kurt von Schleicher. Para Sweeting (2011), em 1933, devido a uma articulação

política, Von Papen conseguiu se impor ao octogenário presidente Von Hindenburg, tornando Hitler – que tinha o apoio dos militares e dos industriais – o novo Chanceler do *Reich*, mudando os rumos da República de Weimar.



No transcurso desse mesmo ano, sob o subterfúgio do incêndio que ocorreu no edifício do Parlamento – *Reichstag*, Hitler recebeu um poder emergencial, via decreto presidencial, que usou contra a sua oposição. Censurou a imprensa com o apoio de Goebbels, dissolveu sindicatos e prendeu líderes políticos (SWEETING, 2011). O Partido Nazista conseguiu a aprovação do *Deutsche Gruss* (saudação alemã), o cumprimento alemão *Heil Hitler* (saúdo a Hitler), como obrigatório, além do signo suástica passar a ser o símbolo do Estado Nacional-Socialista (SWEETING, 2011). Se já não bastasse todo o terror e as perseguições que os nazistas foram precursores, o Ministério de Goebbels e a união nacional dos estudantes organizaram queimas de livros (EVANS, 2010). Foram queimados os livros tidos como “antialemães”, tais como os de Albert Einstein, Thomas Mann, Brecht, Lênin, Marx, Engels, Zinoviev, Heine, Emil Ludwig, Helen Keller, Upton Sinclair e Jack London (LONGERICH, 2013).

Disso tudo, percebemos que o nazismo não queria só eliminar os opositores “anti-Hitler” ou “antialemães”, como também modificar e impor uma nova cultura na Alemanha e na Europa. Não esqueçamos que a política cultural de Goebbels, sob o Ministério do Esclarecimento e da Propaganda, expurgou os judeus da vida artística. Além do mais, esse Ministério era firmado em departamentos para a propaganda, rádio, imprensa, cinema, teatro e, ainda agrega Evans (2010), “esclarecimento popular”. Assim, o chefe da propaganda nazista queria uma “mobilização espiritual da nação” para, com isso, “restaurar a saúde moral e material daquela nação” (EVANS, 2010).

Em 1934, Paul von Hindenburg, Presidente da República de Weimar, morreu. Isso provocou a consolidação do poder de Hitler que, por sua vez, criou e assumiu para si os títulos de *Führer* em adição ao de *Reichskanzler* (Chanceler do Reich). Hitler obteve o controle das Forças Armadas obrigando os militares a prestar juramente não à Constituição, mas a sua pessoa (SWEETING, 2011). Segundo Sweeting (2011) e Longerich (2013), Heinrich Himmler foi capaz de



expandir o sistema de campos de concentração para receber milhares de opositores ao Estado Nazista.

Em 1935, com o apoio de Leni Riefenstahl para filmar os seus comícios, surge o filme chamado *Triunfo da Vontade*, com uma abertura wagneriana, para propagandear os infames valores nazistas, imagens aéreas de Nuremberg, bandeiras da suástica, marcha dos nazistas e discursos inflados (SWEETING, 2011). Já, em 1938, tal como recorda Sweeting (2011), havia milhares de judeus tentando sobreviver com as imposições e perseguições nazistas.

Entre o ataque da Alemanha à Polónia, em 1939, e a rendição do Japão, em 1945, os 2.174 dias da Segunda Guerra Mundial mataram 46 milhões de militares e de civis (GILBERT, 2014). Inclusive, assim como lembra Gilbert (2014), quando os alemães se dirigiam à Polónia havia um *slogan* inscrito num vagão que indicava o extermínio dos judeus. Goebbels descrevia os judeus como inimigos dos arianos (GILBERT, 2014).

Matutando nesse contexto histórico, reputamos que a ideologia nazista parece ressurgir no Brasil, travando-se um diálogo (neo) nazista tropicalizado. Não se trata de brasileiros marchando nas avenidas com braceiras sob o enunciado *Heil Hitler!*, mas, e isto sim, de práticas sociais e discursivas que se articulam ao horizonte axiológico nazista. Nesses últimos tempos, denunciámos à *Safernet* três páginas brasileiras da *Internet*: duas delas do Partido Nacional Socialista dos Trabalhadores Brasileiros (PNSTB88), de Harryson Almeida Marson; e mais um *blog* chamado Sul88 que promovia valores do arianismo. Apontamos para o fato de que o signo numérico “88” corresponde a “HH”, as oitavas letras do alfabeto escrito, refratando semanticamente *Heil Hitler*. É, nacional e internacionalmente, um método de escamotear esse diálogo com o horizonte axiológico nazista.

Adriana Dias (2007, 2018) é uma referência no meio da etnografia, através do (cyber)espaço, acerca do neonazismo. Nesse sentido, e isso nos demonstra a existência de um processo de pan(neo) nazificação do mundo, a antropóloga observou, como *corpus* de pesquisa, somente 40 páginas virtuais dentro de um universo de 12.600 delas em sua dissertação (DIAS, 2007). Mas não é só isso, pois, ao analisar etnograficamente esse *corpus*, constatou que essas 40 URLs conectavam-se a dois milhões de outras páginas

endogâmicas, isto é, de páginas do movimento (neo)nazista na rede. No que tange à sua tese, seu olhar crítico e reflexivo centrou-se na figura de David Lane, uma liderança nazi dos Estados Unidos da América que morreu recentemente, além de grupos (neo)nazistas que se manifestam no meio virtual.



As pesquisadoras Luciane de Paula e Ana Carolina Lopes (2020), duas importantes linguistas brasileiras, verificaram que, tal como evidencia a materialização de posições enunciativas e axiológicas usadas em sua pesquisa, o Governo Bolsonaro é marcado por um horizonte valorativo de eugenia do controle social, racial e genético, enfatizando-se com isso uma hierarquia de superioridade/inferioridade em relação a aqueles grupos que concordam e discordam de seus valores ideológicos. Para chegar a essa interpretação, as pesquisadoras, por exemplo, trataram do posicionamento (neco)político do atual Presidente da República perante o caos sanitário ocasionado pela “gripezinha”, sendo ele favorável a “imunidade de rebanho” (PAULA; LOPES, 2020). Isto é, na visão dessas linguistas, existe uma “seleção natural” preconizada pelo Governo Federal que prejudica pobres, negros, mulheres, indígenas, comunidade LGBTQIA+, as vítimas de sua política nacional (PAULA; LOPES, 2020).

136

Nessa atmosfera de discursos autoritários e segregacionistas, o Ex-secretário Especial da Cultura elaborou o seguinte pronunciamento:

Olá, meus amigos, eu sou Roberto Alvim, Secretário Especial da Cultura do governo do Presidente Jair Bolsonaro. Eu venho falar a vocês sobre um assunto muito importante. Quando eu assumi esse cargo em novembro de 2019, o presidente me fez um pedido. Ele pediu que eu faça uma Cultura que não destrua, mas que salve a nossa juventude. A Cultura é a base da Pátria. Quando a Cultura adoece, o povo adoece junto. É por isso que queremos uma Cultura dinâmica e, ao mesmo tempo, enraizada na nobreza de nossos mitos fundantes. A Pátria, a família, a coragem do povo e sua profunda ligação com Deus amparam nossas ações na criação de políticas públicas. As virtudes da fé, da lealdade, do autossacrifício e da luta contra o mal serão alçadas ao território sagrado das obras de Arte. Nossos valores culturais também conferem grande importância à harmonia dos brasileiros com sua terra e sua natureza, assim como enfatizam a elevação da nação e do povo acima de mesquinhos interesses particulares. A Cultura não pode ficar alheia às imensas transformações intelectuais e políticas que estamos vivendo. A Arte brasileira da próxima década será heróica (sic) e será nacional; será dotada de grande capacidade de envolvimento emocional, e será igualmente imperativa, posto que profundamente vinculada às aspirações urgentes do nosso povo – ou então não será nada. Ao país a que servimos, só interessa uma Arte que cria a sua própria qualidade a partir da nacionalidade plena, e que tem significado



constitutivo para o povo para o qual é criada, portanto, almejamos uma nova Arte nacional, capaz de encarnar simbolicamente os anseios desta imensa maioria da população brasileira, com artistas dotados de sensibilidade e formação intelectual, capazes de olhar fundo e perceber os movimentos que brotam do coração do Brasil, transformando-os em poderosas formas estéticas. São estas formas estéticas, geradas por uma Arte nacional que agora começará a se desenhar, que terão o poder de nos conferir, a todos, energia e impulso para avançarmos na direção da construção de uma nova e pujante civilização brasileira. O Prêmio Nacional das Artes gerará milhares de empregos, assim como ampla capacitação profissional e formação de público, configurando um panorama das maiores realizações artísticas oriundas das 5 regiões do Brasil. Trata-se de um marco histórico nas Artes brasileiras, de relevância imensurável, e sua implantação e perpetuação ao longo dos próximos anos irá redefinir a qualidade da produção cultural em nosso país. E é por tudo isso que afirmo a vocês, meus amigos, 2020 será o ano de uma virada histórica, 2020 será o ano de renascimento da Arte e da Cultura no Brasil. Muito Obrigado (ALVIM, 2020).

137

Nesse discurso, reparamos no ponto de vista de uma cultura ultranacionalista e salvadora que possibilitaria aos brasileiros avançar para uma nova civilização. Para engendrar esses sentidos, Roberto Alvim (2020) aciona estes signos: “Ele pediu que eu faça uma Cultura que não destrua, mas que salve a nossa juventude”, “A Cultura é a base da Pátria”, “A Pátria, a família, a coragem do povo e sua profunda ligação com Deus amparam nossas ações na criação de políticas públicas”, “As virtudes da fé, da lealdade, do autossacrifício e da luta contra o mal serão alçadas ao território sagrado das obras de Arte”, “Nossos valores culturais também conferem grande importância à harmonia dos brasileiros com sua terra e sua natureza, assim como enfatizam a elevação da nação e do povo acima de mesquinhos interesses particulares”. As refrações semânticas desses signos se articulam com os pontos de vista de uma cultura que, por intermédio de políticas públicas, necessitaria de patriotismo, de renovação e de salvação. Inclusive, é essa justamente a plataforma eleitoreira do Presidente do Brasil: “Brasil acima de todos, Deus acima de tudo”.

O fato de não haver o ponto de vista de uma cultura plural, emancipadora e dialógica, mas, e isto sim, ultranacionalista, messiânica e renovadora, instiga-nos a pensar numa contraposição à governança petista, porque a cultura precisaria salvar a juventude e não a destruir. No entanto, diante dessa conjuntura, perguntamo-nos: a cultura já destruiu a juventude? Durante os governos do Partido dos Trabalhadores, a extrema-direita acusou o Governo Federal de distribuir um “kit gay” nas escolas para converter e/ou subverter a orientação sexual



de crianças. Seja dito de passagem, esse período político é considerado para a extrema-direita como o período de “inversão de valores”. A perspectiva de uma nova civilização brasileira não representa as múltiplas culturas heterogêneas de grupos sociais. Na verdade, o ponto de vista mostrado parece representar uma imposição cultural de uma classe que ascendeu à direção do País, tal como a política cultural do *Reich*.

De um lado, o discurso de Goebbels estruturado numa unidade sintática, estilística e composicional: “A arte alemã da próxima década será heroica, será ferreamente romântica, será objetiva e livre de sentimentalismo, será nacional com grande *páthos* e igualmente imperativa e vinculante, ou então não será nada”. De outro lado, o discurso de Alvim (2020) que, como enunciamos, elabora relações sintáticas, estilísticas e composicionais para integrar à sua unidade sintática, estilística e composicional o discurso do chefe da propaganda nazista: “A Arte brasileira da próxima década será heróica (sic) e será nacional; será dotada de grande capacidade de envolvimento emocional, e será igualmente imperativa, posto que profundamente vinculada às aspirações urgentes do nosso povo – ou então não será nada”.

Pensando nessas relações dialógicas, orientação única e estilo pictórico são primordiais no processo de bivocalização discursiva para (1) a produção de sentidos ultranacionalistas, salvacionistas e autoritários; e (2) o velamento desse diálogo com o nazismo no disfarce, pela sintaxe, de recursos léxico-semânticos. Nesse contexto, escamoteiam-se as intenções desse locutor em criar um projeto cultural semelhante ao nazista, nesse caso, de exclusão da pluralidade da vida cultural. A partir do fato de que “as ideias contidas nas frases são absolutamente perfeitas” e de que Goebbels, com seu Ministério, tentou (re)organizar a vida artística na Alemanha excluindo os judeus da vida cultural, o ponto de vista mostrado se entrelaça com aquela interpretação de imposição de uma cultura ultranacional, renovadora e, poderíamos acrescentar, neonazista que provém de uma classe que ascendeu à direção do País. Disfarça-se o signo “alemã” por “brasileira” e os signos “será ferreamente romântica” e “será nacional com grande *páthos*” pelos signos “de grande capacidade de envolvimento emocional”. Entretanto, sua



temática ultranacionalista, sua sintaxe, sua estilística e sua composição nos conduzem a esse diálogo (neo)nazi tropicalizado.

Ao longo do discurso, Alvim elege estes signos ultranacionalistas: “Ao país a que servimos, só interessa uma Arte que cria a sua própria qualidade a partir da nacionalidade plena, e que tem significado constitutivo para o povo para o qual é criada, portanto, almejamos uma nova Arte nacional”, “uma nova e pujante civilização brasileira”. Nisso, indagamo-nos: por que precisaríamos de uma nova Arte brasileira? Ao menos, para as políticas culturais de Goebbels, a nova Arte alemã serviu para (re)organizar a sociedade conforme os valores nazistas de modo a criar uma censura nacional operando nas formas estéticas e na vida cotidiana.

Há a apresentação do edital do Prêmio Nacional das Artes que, segundo o Ex-secretário, “gerará milhares de empregos, assim como ampla capacitação profissional e formação de público, configurando um panorama das maiores realizações artísticas oriundas das 5 regiões do Brasil” (2020). De acordo com as suas palavras, trata-se de “um marco histórico nas Artes brasileiras, de relevância imensurável, e sua implantação e perpetuação ao longo dos próximos anos irá redefinir a qualidade da produção cultural em nosso país” (ALVIM, 2020). Nesse (con)texto, finaliza o pronunciamento com o seguinte: “E é por tudo isso que afirmo a vocês, meus amigos, 2020 será o ano de uma virada histórica, 2020 será o ano de renascimento da Arte e da Cultura no Brasil. Muito Obrigado” (ALVIM, 2020).

A nós, parece interessante a ideia de um Prêmio Nacional das Artes que, em seu bojo, financie e fomenta a criação artística em nosso país. O empecilho é o fato de não haver, nesse pronunciamento, uma cultura plural, emancipadora e dialógica. Na verdade, a proposta de cultura é ultranacional, neonazista e renovadora. A ideia de um Prêmio Nacional das Artes se apresenta num pronunciamento que, ademais, mobiliza signos populistas, tais como “gerará milhares de empregos, assim como ampla capacitação profissional e formação de público, configurando um panorama das maiores realizações artísticas oriundas das 5 regiões do Brasil” (ALVIM, 2020), para apelar ao povo numa conjuntura de crise econômica. Para a concretização desse *páthos* e

demais realizações, não há sequer Ministério da Cultura, mas, sim, um Secretário que, outrora, inspirou-se em Goebbels.

Por derradeiro, à semelhança de Hitler que deixava seu discurso velado para uma interpretação adequada de seu séquito, recorda o historiador:



Alguns historiadores tentaram identificar a data exata em que Hitler ordenou a expulsão e o extermínio dos judeus da Europa. Todas as evidências para isso são inconsistentes. Deu-se muito destaque ao fato de que, bem depois da guerra, Adolf Eichmann recordou-se de Heydrich tê-lo convocado no fim de setembro ou início de outubro para dizer que ‘o Líder havia ordenado o extermínio físico dos judeus’. Himmler também viria a se referir a tal ordem em mais de uma ocasião no futuro. Mas é extremamente duvidoso que a ordem tenha sido dada em tantas palavras a Himmler ou a Heydrich – ou de fato a qualquer outro. As declarações de Hitler, registradas em várias fontes, mais notadamente no registro público de seus discursos e nas anotações particulares de suas conversas no diário de Goebbels e na *Conversa à mesa*, representam tanto o estilo quanto o teor do que ele tinha a dizer sobre o assunto. É um erro procurar ou imaginar uma ordem, seja escrita ou falada, do tipo emitido por Hitler no caso do programa de eutanásia compulsória, onde ela foi exigida para dar legitimidade às ações de profissionais médicos e não às de homens comprometidos da SS, que mal precisavam delas de qualquer forma. Conforme a Suprema Corte do Partido Nazista havia notado no começo de 1939, durante a República de Weimar, os líderes do Partido haviam se acostumado a se furtar de responsabilidade legal certificando-se de que ‘as ações [...] não são ordenadas com clareza absoluta ou nos mínimos detalhes’. De modo análogo, **os membros do Partido haviam se acostumado a ‘interpretar mais de tais comandos do que o que era dito em palavras, assim como tornou-se costume generalizado de parte das pessoas que emitem o comando [...] não dizer tudo’ e ‘apenas insinuar’ o objetivo de uma ordem** (EVANS, 2012, p. 148, grifos nossos).

140

PALAVRAS (NÃO TÃO) FINAIS

Se, por “coincidência retórica”, Alvim tivesse citado a voz de um político libertário, conservador ou social-democrata, certamente nossa compreensão ativo-dialógica seria de que, ao assim agir, ele promoveria sentidos libertários, conservadores ou social-democratas. Mas não foi isso o que aconteceu, porque escutamos bivocalmente duas vozes, como se assim estivessem fundidas, naquele pronunciamento materializado na comunicação governamental: uma voz do Ex-secretário; e outra do chefe da propaganda nazista.

Não podemos esquecer de escrever e polemizar isto: quando Bolsonaro se manifestou no *Twitter* em relação ao



pronunciamento de Alvim, defendeu que repudiava ideologias totalitaristas e genocidas, tais quais o comunismo e o nazismo. Asseverou que apoiava a comunidade judaica da qual (com)partilhava muitos valores em comum. Entretanto, o Ex-secretário revelou ao Estadão que o Presidente da República se convenceu plenamente do que ele falou em pronunciamento.

Mais do que isso, ele conhecia as intenções nobres de Alvim, o qual, na mesma entrevista, disse que concordava com as ideias (valores) contidas nas frases de Goebbels. Portanto, resta-nos a pergunta: qual realidade refratada (interpretada) é a mais conveniente para o Governo? Eis nossa resposta!

Tendo como mote nossos objetivos, observamos a mobilização de signos ideológicos pelo locutor do pronunciamento que refletiam e refratavam o autoritarismo, o ultranacionalismo e o salvacionismo. A isso, combinaram-se os pontos de vista de uma renovação civilizacional e artística no Brasil, recuperando-se com tais efeitos signos do período das gestões petistas, acusadas, todas elas, de subversão de valores pela extrema-direita brasileira. Tal como depreendemos, esse ato discursivo e social foi legitimado e autorizado pelo horizonte socioaxiológico bolsonarista. Por esse motivo é que foi possível materializa-lo na comunicação discursiva governamental.

No transcurso desse artigo, discutimos, dialogicamente, a presença de um diálogo entre vozes que reflete e refrata sentidos de um projeto cultural (neo)nazista engendrado por um dos membros do Governo bolsonarista. Para chegarmos a essa conclusão, foram cruciais as postulações teórico-analíticas que o Círculo bakhtiniano nos forneceu, particularmente os conceitos de relações dialógicas, signos ideológicos, vozes sociais e bivocalização. Interagindo com outros vieses teóricos, foram fundamentais alguns estudos historiográficos sobre o nazismo, já que foi necessário (re)agirmos aos valores nazistas.

Para nós, a ideia de “coincidência retórica” na qual Alvim retoma “por acaso” o discurso de um dos chefes do Partido Nazista foi refutada, porque, segundo analisamos, a temática ultranacionalista, a sintaxe, a estilística e a composição dos discursos em análise dialógica evidenciam um compartilhamento de valores. Não poderia ter havido essa citação sem uma concordância de valores

políticos e ideológicos. Após a repercussão nacional, o Ex-secretário foi exonerado do cargo público ao qual havia sido designado pelo Presidente do Brasil – Jair Bolsonaro. Inclusive, achamos interessantes essas “coincidências” envolvendo o Governo Federal, porque, durante a redação deste texto, a Secretaria de Comunicação (SECOM) integrou um enunciado semelhante ao nazista *Arbeit Macht Frei* (O trabalho liberta), grafado em campos de concentração, ao seu discurso governamental, para produzir sentidos sobre o enfrentamento da Covid-19.



REFERÊNCIAS

BAKHTIN, M. *Questões de literatura e de estética: a teoria do romance*. Tradução: Aurora Fornoni Bernardini et al. São Paulo: Editora UNESP; HUCITEC, 1988.

BAKHTIN, M. *Problemas da poética de Dostoiévski*. Tradução: Paulo Bezerra. 3ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002.

BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*. Tradução: Paulo Bezerra. 6ª ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2011.

BAND JORNALISMO. *Jair Bolsonaro se pronuncia no Twitter sobre exoneração de secretário*. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=LgGUC7-SvVM>>. Acesso em: 26 mai. 2021.

CANAL DA RESISTÊNCIA. *Inacreditável, Bolsonaro elogiando Roberto Alvim*. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=j9BU774Nwz0>>. Acesso em: 26 mai. 2021.

DIAS, A., A., M. *Anacronautas do teutonismo virtual: uma etnografia do neonazismo na Internet*. 2007. f. 329. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas – Universidade Estadual de Campinas, 2007.

DIAS, A., A., M. *Observando o ódio: entre uma etnografia do neonazismo e a biografia de David Lane*. 2018. f. 366. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas – Universidade Estadual de Campinas, 2018.

DIETRICH, A., M. *Nazismo tropical? O Partido Nazista no Brasil*. 2007. 378 f. Tese (Doutorado em História Social) – Departamento de História – Universidade de São Paulo, 2007.

ESTADÃO. *Roberto Alvim ‘assina-embaixo’ frase de nazista*. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=AEeFlr0d7I>>. Acesso em: 26 mai. 2021.

EVANS, R. *A Chegada do Terceiro Reich*. Tradução: Lúcia Brito. São Paulo: Planeta, 2010



EVANS, R. *O Terceiro Reich no Poder*. Tradução: Lúcia Brito. São Paulo: Planeta, 2011.

EVANS, R. *O Terceiro Reich em guerra*. São Paulo: Tradução: Lúcia Brito e Solange Pinheiro. Planeta, 2012.

FOLHA DE S. PAULO. Secom da Presidência usa expressão semelhante a slogan nazista para divulgar ações na pandemia.

Folha da S. Paulo, São Paulo, 10 mai. 2020. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/poder/2020/05/secom-da-presidencia-usa-expressao-semelhante-a-slogan-nazista-para-divulgar-acoes-na-pandemia.shtml>>. Acesso em: 26 mai. 2021.

G1. Secretário nacional da Cultura, Roberto Alvim faz discurso sobre artes semelhante ao de ministro da Propaganda de Hitler. *G1*, São Paulo, 17 jan. 2020. Disponível em:

<<https://g1.globo.com/politica/noticia/2020/01/17/secretario-nacional-da-cultura-roberto-alvim-faz-discurso-sobre-artes-semelhante-ao-de-ministro-da-propaganda-de-hitler.ghtml>>. Acesso em: 26 mai. 2021.

GILBERT, M. *A Segunda Guerra Mundial: os 2.174 dias que mudaram o mundo*. Tradução: Ana Luísa Faria e Miguel Serras Pereira. 1ª ed. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2014.

KALIL, I. *Quem são e no que acreditam os eleitores de Jair Bolsonaro*. Disponível em:

<<https://www.fespsp.org.br/upload/usersfiles/2018/Relat%C3%B3rio%20par%20Site%20FESPSP.pdf>>. Acesso em: 26 mai. 2021.

KERSHAW, I. *O fim do Terceiro Reich: a destruição da Alemanha de Hitler, 1944-1945*. Tradução: Jairo Arco e Flexa. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

LONGERICH, P. *Heinrich Himmer: uma biografia*. Tradução: Angelika Elisabeth Köhnke et al. 1ª ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2013.

MEDVIÉDEV, P. *O método formal nos estudos literários: introdução crítica a uma poética sociológica*. Tradução: Ekaterina Vólkova Américo e Sheila Camargo Grillo. 1ª ed. São Paulo: Contexto, 2016.

PAULA, L; LOPES, A., C., S. A eugenia de Bolsonaro: leitura bakhtiniano de um projeto de holocausto à brasileira. *Revista Linguagem*, São Carlos, v.35, p. 35-76, 2020.

PODER 360. *Secretário da Cultura, Roberto Alvim cita ministro nazista em pronunciamento*. Disponível em:

<<https://www.youtube.com/watch?v=3lycKFW6ZHQ>>. Acesso em: 26 mai. 2021.

SWEETING, G. *O piloto de Hitler: a vida e a época de Hans Baur*. Tradução: Elvira Serapicos. São Paulo: Jardins dos Livros, 2011.

VOLÓCHINOV, V. *Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem*. Tradução: Sheilla Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. São Paulo: Editora 34, 2018.

Recebido em 14 de março de 2021.

Aprovado em 09 de julho de 2021.



ANALYSIS OF THE SPECIAL EX-SECRETARY OF CULTURE'S SPEECH: (NEO)NAZIST VOICES IN TROPICALIZED DIALOGUE

Abstract: This article has as its object of investigation the pronouncement of Roberto Alvim, at that time Special Secretary of Culture, held in 2020. At that time, Alvim not only dealt with the pronouncement of the National Arts Award, since he addressed the new directions of culture Brazilian government under the management of the Federal Government. Thinking of dialogical relations, this research aims to: 1) analyze the senses reflected and refracted by the ideological signs chosen by the speaker in articulation with points of view manifested in the discourse; and, in the continuation, 2) to understand the enunciative-discursive procedures of the bivocalization process that initiates a tropicalized (neo)Nazi dialogue. For this endeavor, the present research is supported by the theoretical and analytical postulates promoted by the Bakhtinian Circle in interlocution with historiographical studies regarding policies approved by the National Socialist State in Germany. In this context, the results of this article allow us to conclude active-dialogically that Alvim, legitimized and authorized by the (socio)axiological Bolsonarist horizon, establishes, bivocally, a tropicalized (neo)Nazi dialogue with the voice of Joseph Goebbels, a political leader of the National Socialist State. By integrating the syntax and lexical-semantic resources of Goebbels' discourse, he mobilizes signs of ultranationalism, salvation and authoritarianism that combine with points of view of a civilizational and aesthetic renewal. To cover this, Alvim not only disguises, by syntax, certain lexical units, but also does not use dashes or quotation marks to differentiate the two speeches, the two voices. As soon as, this research argues that it is facing a pronouncement with a project similar to that of Nazism at the time of Adolf Hitler.

Keywords: Tropical (neo)Nazi dialogue; Voices of (neo)Nazism; Bivocation; Roberto Alvim; Joseph Goebbels.

144



ⁱ Elaboramos esse conceito com o objetivo de evidenciar o fato de o neonazismo estabelecer um diálogo entre vozes nazistas e neonazistas que se materializam em variados gêneros discursivos - projetos de lei, pronunciamentos, discursos governamentais, comentários de *Internet* etc. A palavra “tropical” nos indica que não se trata daquele nazismo alemão assentado por Hitler e sua cúpula que presenciamos na sociedade brasileira, levando em consideração que essa ideologia autoritária está contextualizada na realidade do Brasil. Por isso mesmo, empregamos o conceito diálogo (neo)nazi tropicalizado ou diálogo (neo)nazista tropicalizado.

ⁱⁱⁱ Conforme Alvim, na mesma entrevista ao Estadão em que disse que as ideias (valores) contidas naquelas frases do discurso de Goebbels eram absolutamente perfeitas, ao responder a um questionamento sobre o posicionamento de Jair Bolsonaro com relação ao seu pronunciamento, “Conversei com o Presidente hoje de manhã. Se convenceu plenamente do que eu falei. O presidente me conhece. Sabe que as minhas intenções são absolutamente nobres nesse campo [...]” (ALVIM, 2020). Essa entrevista nos fornece mais subsídios para defendermos o fato de o horizonte valorativo bolsonarista, centrado na figura autoritária do “mito”, legitimar e autorizar discursos antidemocráticos.